

## PARA A HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL IV – TOMMASO GARZONI\*

“Nihil sub sole novi” Eccle. 1, 10)

*Henri Chabassus*

### O AUTOR

“Tommaso Garzoni, nascido em março de 1549 em Bagnacavallo, onde morreu aos 18 de junho de 1589, foi autor de curiosas obras de erudição, caóticas e caprichosas, nas quais vêm amontoadas as mais variadas notícias e observações, coisas, usos, costumes, vícios, paixões, virtudes e misérias dos tempos antigos e modernos. Engenho bizarro e precoce, compunha versos aos dez anos...; aos quatorze foi a Ferrara a fim de estudar direito, e daí passou a Siena para continuá-lo; aos dezessete entrou para a Congregação Lateranense, trocando seu nome original, Ottaviano, pelo de Tommaso e vestindo o hábito na canônica de Santa Maria em Porto di Ravenna (1566)”. Eis como é visto Garzoni por Antonio Belloni no verbete “Garzoni”, que escreveu para a Enciclopédia Italiana Treccani(1).

Deixou muitas obras, entre as quais “Il teatro dei vari e diversi cervelli mondani” (Veneza, 1583), “La Sinagoga degli ignoranti” (Veneza, 1589), “L’Hospitale de’ pazzi incurabili” (Veneza, 1589) e o livro que é objeto desta resenha, a saber, a “Piazza universale di tutte le professioni del mondo”.

### O TÍTULO DA OBRA

O título completo da obra é: La piazza universale di tutte le professioni del mondo, e nobili ed ignobili – Nuovamente formata e posta

---

\* Ver Síntese nº 21, jan./abr. 1981, p. 71-86; nº 26, set./dez. 1982, p. 79-99 e nº 33, jan./mar., 1985, p. 77-106.

in luce da Tomaso (2) Garzoni — In Venetia, appresso Gio. Battista Somasco, MDLXXXV, 8º, pp. (XLIV), 975.

## A ESTRUTURA DA OBRA

A estrutura da obra é curiosa para nós, e obedece ao sabor do tempo, do lugar de sua edição primeira e sobretudo do autor. Começa por uma dedicatória ao "Sereníssimo e Invencível Senhor Príncipe Afonso Segundo de Este, Duque de Ferrara". Segue-se um primeiro prólogo aos leitores, que não é senão uma profissão de fé, na qual o autor se excusa de qualquer coisa que lhe possa haver escapado contra a doutrina da Igreja ou "pias aures offensiva". Vêm a seguir dois sonetos, dedicados ambos ao Duque, um de autoria de Garzoni e o outro da lavra de Torquato Tasso. Após estes, vêm vários outros sonetos e versos de outros metros, todos em louvor da obra ou do autor. Segue-se a lista de todos os autores citados na obra e depois o "índice de todas as profissões e ofícios do mundo" exarados em oito páginas.

Só começa a numeração das páginas ao aparecer um "Prólogo Novo", que consta de várias partes, em forma figurada de ataques sucessivos à obra e ao autor, seguidos das respectivas defesas de uma e de outro. Numa primeira parte, "Momo, deus da murmuração" ataca o autor e sobretudo a obra, buscando demonstrar a imprudência daquele e o desvalor e a inutilidade desta. Pretende "ele" que Garzoni "conturba o mundo", "vitupera os profissionais", "faz agravo com suas palavras a todas as condições de pessoas, sem consideração a ninguém". Elabora argumentos para provar a inutilidade e a inconveniência da obra e afirma ser ela apenas um plágio e um "parto desconcertado, que pela abundância da matéria é um monstro tolo e ridículo". Melhor fora que o autor cuidasse de assuntos relativos à filosofia e à teologia e não se desse ao trabalho de escrever sobre nonadas e bagatelas indignas da pena de um eclesiástico (p. 1 a 5).

Numa segunda parte (p. 6 a 10) desse "prólogo novo", vem "Minerva" em defesa do autor e da obra, refutando ponto por ponto os agravos de Momo contra Garzoni, mostrando serem falsos os seus argumentos e termina dizendo que o autor faz bem em dedicar a obra ao Duque, "quer pelas qualidades da pessoa, quer pela forma que dá às coisas, achando que o livro pode ser útil ao Governo do Duque, aos juízes, ao parlamento e à milícia".

Numa terceira parte do mesmo "prólogo" (p. 11 e 12), o "Coro dos Deuses" mostra-se de acordo com Minerva. Louva a obra e o autor e

afirma que Momo é "um animal e um malvado e vil, indigno de emitir juízo sobre quem quer que seja".

Não terminam aqui os comentários encomiásticos e depreciativos sobre autor e obra, pois seguem-se (p. 13 a 22) uma "Conjura de Zoilo e do grupo dos maldizentes", a fala da "caterva dos pedantes" e a dos "charlatães e ignorantes" contra a "Piazza" de Garzoni, comentários que comportam ataques e defesas de procedências várias, terminando por uma dissertação do autor sobretudo contra Zoilo e os charlatães e ignorantes. É antes uma réplica, um contra-ataque aos seus inimigos do que propriamente uma defesa do valor da obra. O estilo é rico em citações, sobretudo da mitologia clássica tanto grega como latina.

Segue-se a apresentação do livro intitulada: "O autor ao leitor". Esta apresentação é uma espécie de terceiro prólogo, em que ele explica os objetivos da obra, como veremos mais para diante.

O capítulo seguinte é intitulado: "Discurso Universal em Louvor das Ciências e das Artes Liberais e Mecânicas em geral". Diz que o maior ornamento do homem é a posse das ciências, busca provar o asserto com argumentos de razão e com apreciável abundância de citações de grandes homens que sobre elas escreveram. As ciências fazem o homem "semelhante a Deus, de infinito saber e inteligência". Bias, um dos sete sábios da Grécia, ao fugir de sua cidade, presa dos inimigos, incitado por seus concidadãos a levar consigo seus pertences na fuga, sai sem levar nada, dizendo "omnia mea mecum porto" — tudo o que tenho levo comigo —, referindo-se à sua ciência, em comparação da qual nada tinha valor para ele(3). Os exemplos são todos deste mesmo teor, alternando autores pagãos e cristãos, como Aristóteles, Macróbio, Benedetto, Varchi, São Jerónimo, Sêneca, Marco Túlio, Martiál, et al. Do livro da Sabedoria, p.ex., traz a citação que diz "as riquezas nada são em comparação dela" (da sabedoria), e de Diógenes o "arguto dito" ao ver um ignorante sentado sobre uma pedra: "É uma pedra sobre outra" (lapis super lapidem).

As ciências e às artes liberais seguem-se as artes mecânicas, das quais muitas são pelo mundo reputadas honrosas e dignas e outras tidas manifestamente como vis por todo mundo. Budé(4), pessoa doutíssima, em uma de suas obras, considera os artífices de certas profissões como "fezes e feiúra das cidades", ao passo que Cassiodoro em sua 13ª epístola louva as artes mecânicas como decoro e ornamento das mesmas (Ars est decus urbium). E o mesmo dizem outros muitos. Cita filósofos, homens de ciência, que nas horas vagas exerciam ofícios, tais como os de alfaiate, ourives, etc., ou se distraíam tirando água no poço ou efetuando qualquer outro trabalho manual. Aduz, p.ex., o

livro do Eclesiástico (38,31.32) que, dos trabalhadores manuais, diz: "E todos estes puseram sua confiança em suas próprias mãos, e cada um é habil em seu ofício. Sem eles, cidade alguma poder-se-ia construir". Garzoni condescende com a qualificação das artes mecânicas em nobres e menos nobres, quando quase ao fim do capítulo diz: "Por todas estas razões é, portanto, coisa honrosa ter conhecimento quer das ciências, quer das disciplinas (sic), quer ainda das artes mecânicas, e ainda que algumas sejam em si mesmas utilíssimas, mas de pouco prestígio e honra ilustram, entretanto com sua insignificância as outras mais nobres... Portanto esta é a conclusão que tiro: quão nobre coisa seja o saber sobre qualquer assunto tendo em vista o bem. Ponho fim a este meu discurso universal, composto em louvor das ciências e das artes em geral, exortando cada um ao exercício próprio de sua inteligência, que é, como diz Quintiliano no livro 1º de suas Instituições, buscar compreender e saber. E tanto mais que no saber se encontra grandíssimo deleite, como diz Petrarca: 'Altro diletto che imparare non trovo'".

## O TÍTULO DA OBRA

"Praça" — Garzoni diz que voltando-se para o passado e vendo a magnitude e a beleza dos "edifícios" feitos pelos "arquitetos" antigos, e para todas as obras dos artífices já mortos, obras em que deixaram espelhadas as "virtudes" dos seus engenhos, resolveu juntá-los todos como numa grande "praça", na qual possam os que sabem apreciar os valores da ciência e da arte, quer os de hoje, quer os pósteros, gozar e fruir em pouco tempo e com pouca fadiga o glorioso e alegre espetáculo reunido nesta grande "Praça" (p. 23, 33, passim).

"De todas as profissões do mundo, quer nobres quer ignóbeis" — O porquê desta dicotomia das profissões, dividindo-as em nobres e ignóbeis já vem em parte explicado e defendido no que precede. Garzoni sabe que há profissões desprezadas pelos homens, como diz acima, e a seguir ao trecho citado, afirma não estar seguro da aprovação de muitos, inclusive de Platão, da obra que compôs. De resto já aludira a isto logo ao princípio, na dedicatória ao Duque, quando diz que lhe põe diante dos olhos cena tão variada e rica, a fim de que ele "entenda com pouca fadiga o *bem* e o *mal* que podem fazer todos os profissionais do mundo..." (p. 7ª não numerada). A qualificação de ignóbil dada a algumas profissões e a alusão ao *mal* que podem fazer os profissionais, só se vem a entender melhor no desenvolver da obra, quan-

do Garzoni aborda não só as limitações das profissões, mas a facilidade que algumas delas têm para conduzir os homens a posturas, atitudes e atos menos nobres e mesmo ignóbeis; é o caso, p.ex., do desrespeito com que se tratam as pessoas no exercício de certas profissões. Garzoni cita aqui a modo de exemplo, os esbirros, que facilmente exorbitam no exercício de seu ofício. Isto se aclara ainda mais quando, considerando o índice das profissões por ele exaradas e explicadas, vê-se o que o autor entende por profissão. Profissão é para ele não só o exercício de alguma atividade que exija ou não qualificação, quer intelectual quer manual, que se exerça em benefício da humanidade e para o reto desenvolvimento da própria personalidade, mas toda e qualquer atividade exercida pelo homem, ainda que com detrimento alheio ou próprio, e mesmo a ausência de qualquer atividade, qual seja por exemplo a atitude do "vagabundo". As "profissões" por ele enucleadas e explicadas formam uma congêrie quase impensável de nomes que geralmente não nos acudiriam à mente ao cogitarmos de profissões. Por exemplo, para ele são profissões: o roubo, a malandragem, a pirataria, a prostituição, o lenocínio, a capanagem, a embriaguês, a usura, o venefício, a vindicta, o augúrio, o aruspício, a "trombada", a adivinhação, a tirania, o assassínio, o cangaço, a gula, etc.

Uma das coisas interessantes em sua lista é que a profissão que oferece mais especificações e sinônimos é a de adivinhadores do futuro sob todas as suas formas, quer pela observação do vôo dos pássaros (augúrio), quer pela das entranhas das vítimas (aruspício), quer pela leitura das linhas das mãos (quiromância), etc. Eis alguns dos nomes que ele aduz: acomante, arúspice, quiromante, psicónomo, geomante, adivinho, intérprete de sonhos, profissionais do loto, metopóscopo (que vê além de), perscrutadores de monstros, de prodígios, de portentos, de coisas maravilhosas, de palavras, de sinais no céu, de danças rítmicas, oráculo, profeta, prognosticador, sibila, vate, pressagiador.

## O OBJETIVO DA OBRA

O objetivo da obra aparece já na dedicatória ao Príncipe. Diz o autor ser coisa notória em todos os reinos e impérios que há uma série de qualidades necessárias a quem governa, entre as quais está a autoridade que o chefe do governo conquiste diante de seus súditos, que lhe atribuem por juízo comum, por meio da fama universal que ele adquire, como verdadeiro árbitro de paz e de conservação do estado, por sua prudência e poder nos negócios da administração pública. Ora, para tanto, é necessário o conhecimento tão vasto quanto possí-

vel de tudo o que pode levar ao bem comum e social, e como ele, Garzoni, vê o Príncipe tão cuidadoso e mesmo ansioso pela inteligência de tudo o que pode interessar ao governo, resolveu escrever e dedicar-lhe esta obra, onde o Príncipe poderá "ver todos os atos do mundo numa simples mirada". O livro lhe permitirá considerar "todos os estados e condições de pessoas, contemplar a natureza e a qualidade de cada um, e nesta cena e aparato riquíssimo de tantas coisas, compreender com pouca fadiga o bem e o mal que podem fazer todos os profissionais do mundo", e acrescenta, pondo de lado a modestia, que "ao governo do Príncipe, que tem de prover a tantos povos e a tantas coisas, não haverá talvez livro algum mais útil do que este" (na Dedicatória ao Príncipe, em página não numerada). E não entende fazê-lo só em benefício do governo do Príncipe, mas visa pôr diante dos olhos de qualquer leitor tudo quanto fizeram de grande e de belo os antigos "arquitetos", buscando compor a "Praça" com todos os elementos possíveis de beleza, fruto do trabalho de todos esses "construtores" das ciências e das artes no decurso dos séculos. Isto torna possível a todos, em poucos dias e com pouco trabalho, ter uma idéia de todas as maravilhas que a mente humana foi capaz de inventar e perscrutar nos tempos que passaram. E crê não ter feito obra inglória, pois, diz ele, se Apuléo pôde celebrar os louvores do asno, Plutarco compor um diálogo do grilo com Ulisses, Luciano louvar tanto a mosca e Pitágoras a cebola, se Diócles pôde exaltar tanto a beterraba e Homero compor um livro sobre a Guerra das Rãs, "bem posso eu compor uma Praça de gente nobre e plebéia, assunto de muito maior importância e estimação que os tratados por aqueles autores. Eis pois a Praça de todas as profissões do mundo, quer honradas, quer desprezadas, que como agradável espetáculo apresento aos olhos dos expectadores" (p. 23.24). Sua esperança apóia-se em obra sua anterior, da qual diz: "E assim como em tempo passado escrevi sobre o curioso Teatro (livro seu anterior, ao qual nos referimos acima), que agora dá prazer aos olhos e aos espíritos de seus gentíssimos expectadores, assim compus no presente esta Praça, talvez não menos digna de ser vista do que "Campo Fiore" ou o Foro de Trajano edificado por Apolodoro, quer pela grandeza, quer pela capacidade de ser apreciada por todos" (p. 23)(5).

Garzoni apresenta mais uma razão para o seu livro: visa ainda, diz ele, "segundo o conselho de Platão, deixar aos pósteros pelo menos algum indício de haver passado pela terra" (8ª pág., não numerada da Dedicatória).

## JUIZO SOBRE A OBRA – SEU VALOR E SEUS LIMITES

“Momo” tem razão ao dizer que Garzoni não aborda o método das ciências e das artes, mas erra ao afirmar que a obra seja por isso estéril. Erra também a chamá-la de plágio constituído de “infinitas coisas roubadas” de muitos outros. Garzoni tem um objetivo definido e o leva avante, e não era esse objetivo tratar minuciosamente dos métodos das ciências e das artes, como ele o diz “pela boca de Minerva”: “Não usa pois, este autor, o método que consistiria em descrever pormenorizadamente as ciências, porque exposição de minudências sobre assunto tão vasto requereria um a um os seis mil volumes de Dídimo(6). Contenta-se ele com discorrer sucintamente sobre o assunto, mas não em vão como o diz “Momo”. O valor da obra não pode ser julgado “por algumas curiosidades inseridas” para tornar mais leve a leitura, “porque o sábio não visa o deleite como fim principal, mas o útil que dos livros e da doutrina dos escritos ordinariamente se tira” (p. 9).

Isto é o que diz Garzoni em defesa própria. Na realidade em sua obra nada se vê que se possa denominar método para aprender as ciências e as artes. O valor da obra é outro. Ela vale, em primeiro lugar, pela mole imensa de profissões que apresenta. Ao todo são 545, algumas com vários ramos. Daí que ele, “respeitando embora como o merecem a praça de Atenas, soberba pelo concurso de tantos filósofos, o Foro Romano, venerável pelo sem número de cavaleiros e soldados célebres, os campos de Tebas, magníficos pela qualidade de tantos homens de valor não tema dizer que “a nossa Praça ... seja uma grande imagem das antigas e gloriosas, e que na amplitude pelo menos e em sua capacidade supere a todas aquelas dos passados tempos”. E “embora seu arquiteto seja de pouquíssimo valor, conseguiu fazê-la maior e mais bela do que a princípio se julgara capaz” (p. 24).

A obra é rica ainda pelas inúmeras citações, de tal forma que o leitor pode formar melhor juízo, ouvindo por vezes de várias fontes as mais descontraídas opiniões. São 1223 os autores citados, entre antigos e modernos, cristãos, judeus, maometanos e pagãos.

Quanto a ser ele acusado de plagiário, é sentença que não faz sentido, pois apenas enriquece a originalidade de sua obra com citações de autores de renome, aduzindo as fontes nas quais se abebera; ademais Garzoni não cita, via de regra, em segunda mão, mas vai às fontes primeiras, com não pouco trabalho.

O valor principal da obra reside, porém, no estudo apurado de tantas "profissões", descrevendo o que de bom e de ruim elas trazem ou podem trazer em seu bojo, as qualidades, as aptidões que exigem no seu exercício. O ponto de vista de seu estudo é antes de tudo moral e psicológico, mostrando que para o bom desempenho de qualquer profissão há necessidade de aptidões e atitudes, sem as quais frustram-se o profissional e os que o buscam como tal. Faz a apreciação moral da profissão, louva-a ou a vitupera, fala de sua utilidade ou inconveniência, aborda as qualidades necessárias para o seu exercício e exara suas funções. Há quem louve tanto as artes liberais quanto as mecânicas, assim como há quem ataque as artes manuais. Ninguém nega, porém, o valor e a honorabilidade das ciências, nem a utilidade e a necessidade das artes mecânicas. Quanto ao que ele chama de "profissões ignóbeis", não há necessidade de estender-nos, pois parece ser de consenso comum que o malandro, o trombadinha, o bêbedo, o papa-jantares, o rufião, o capanga et al., não são precisamente dignos de honra por seus "ofícios".

Um defeito da obra, a nosso ver, é a ordem ou seqüência das profissões. Não se divisa uma classificação, nem mesmo uma ordem. É uma seqüência promíscua, para a qual não se percebe princípio algum de ordenação. Começa pelos Senhores — Príncipes ou Tiranos —, aos quais seguem-se os Governadores, mas logo se perde o sentido de uma ordem qualquer, sequer alfabética, como se vê a seguir: Religiosos, Gramáticos, Doutores em leis civis e Jurisconsultos, Formadores de Calendário, Cirurgiões, Prognosticadores, Heráldicos, Notários, Matemáticos, Procuradores e Advogados, Alquimistas, Acadêmicos, Aritméticos ou Contadores (sic), Açougueiros, Médicos Clínicos, Canonistas, Gentishomens, Calígrafos de Bulas, profissionais da "Arte de Raimundo Lull", Profissionais dos Segredos, Herbanários, Geômetras, Teólogos, Filósofos, et al. Mais adiante, aos pintores (artistas) seguem-se os servidores, os servos e os escravos, ordem para a qual não se vê critério.

Dentro de certos campos de trabalho percebe-se uma unidade, i.é, ele enuncia sob um mesmo título várias modalidades de trabalho dentro do mesmo campo, v.g., sob a epígrafe de Religiosos põe os Prelados e os Súditos, os Ceremoniários, os "Supersticiosos" (sic), os Cônegos, os Monges, os Frades, os Cavaleiros e os Pregadores (p. 58). Entre os Filósofos enumera os Físicos, os Éticos, os Moralistas, os Economistas, os Conselheiros, os Secretários e os Metafísicos.

Com relação à ordem, ou melhor à falta dela, na enumeração e seqüência das profissões que aborda, aduz ele como argumento: "esta

ordem particular me agradou, como agrada a um pintor dispor suas figuras a seu modo..." (p. 10), argumento que se nos antolha meramente subjetivo — o seu gosto — pois é possível ordenar as profissões sob aspectos mais objetivos, e parece que o trabalho ganharia em clareza e possibilidade de síntese, se outro mais adequado fosse o critério escolhido. De resto, o modo como é feito o índice dificulta o encontro de qualquer profissão. Para achar qualquer delas é necessário percorrê-lo todo.

O autor deste trabalho não pôde averiguar se Garzoni teve ou não conhecimento da obra de Juan Huarte de San Juan publicada dez anos antes da sua(7). As duas obras têm enfoques totalmente diferentes: Huarte se põe numa posição teórica, aduzindo embora muitas averiguações empíricas em abono de sua teoria. Garzoni sobretudo descreve as qualidades, principalmente as morais embora não exclusivamente, que a experiência tem mostrado serem necessárias ou nocivas ao bom desempenho das profissões, i.é, aborda as qualidades que sugerem aptidão ou inaptidão para as profissões ou cargos. Ele o afirma expressamente como intenção sua ao exarar sua obra: "Todavia tendo-me eu proposto seguir nesta minha obra um *método discursivo*, sem me deter em disputas, que trazem como consequência grande dispêndio de tempo..." (p. 541).

Apenas em dois momentos, salvo engano ou omissão, alude ele a dois outros fatores importantes no que concerne ao desempenho profissional, que, de resto, se podem reduzir a um só. No capítulo sobre os alquimistas (p. 138ss.) diz Garzoni: "Não calarei que Júlio Firmico, astrólogo excelentíssimo, ... diz ... a Mamortio Lolleano ... que estando a lua em seu nono lugar do horóscopo, a geração noturna na 'casa de Saturno' (i.é, a conjunção de Saturno com a Lua nessa posição), gera o homem *inclinado* à alquimia...". Esta frase de Garzoni e a seqüência do escrito não provam que ele perfilhe a sentença de Firmico, mas apenas a cita, de tal forma que não se poderia afirmar que o autor considera a inclinação como elemento interessante para a profissão. A outra citação é ainda de menor valor para o nosso assunto, pois tratando da música, ele apenas afirma que é afeiçoado a ela, sem fazer qualquer ligação entre esta afeição ou gosto e sua necessidade para o exercício da profissão. É uma afirmação vaga, sem maiores consequências. Diz ele: "... eu que não sou músico senão por afeição, ... mostro-me extremo partidário desta excelente e ilustre profissão" (p. 441).

Huarte tem posições muito mais discutíveis e arrisca muito mais do que Garzoni. Por isso pôde e pode ser atacado, mas por outro lado se o houvessem tomado praticamente em consideração, teria permitido avançar mais a ciência da orientação. É como a obra de Freud: mereceu ataques acirrados e veementes, uns com razão, outros sem ela, mas deu origem a uma série de correntes e contribuiu mesmo por si só com alguns elementos geniais para a psicologia. O risco tem seu preço, mas também seu prêmio.

Dissemos acima que a obra de Garzoni é descritiva, traz as qualidades necessárias ao exercício da profissão, i.é, trata da aptidão profissional. Não o faz, porém, exclusivamente, pois desenvolve o assunto de tal forma, que em seu escrito aparecem muitos outros itens que entram nos modernos esquemas de Dicionários de Profissões. Não caberia no âmbito de um artigo estender-nos longamente sobre o assunto, mas achamos interessante, cingindo-nos a dois tratados modernos e a duas profissões, estabelecer uma comparação entre o que eles trazem e o que Garzoni aduz. As obras em apreço são o Dicionário de Profissões editado pelo Centro de Integração Empresa-Escola, CIE-E e a "Encyclopedia of Careers and Vocational Guidance", que tem William E. Hopke por editor-chefe, Chicago, Illinois, J. G. Ferguson Publishing Company, 1978, 2 vols. As duas profissões, escolhidas a esmo, sem nenhuma razão específica são a de pintor e a de médico.

### *Médico*

O dicionário brasileiro, sob a epígrafe "Medicina", traz em resumo os seguintes itens:

#### *Histórico — Origem e Evolução*

#### *Aspectos legais da profissão*

#### *Características do trabalho — Descrição das atividades*

- *Especializações profissionais e condições pessoais requeridas para o desempenho do trabalho*

- *Campos de atuação profissional*

#### *Perspectivas de desenvolvimento do campo profissional*

- *Mercado de Trabalho*
- *Remuneração*

#### *Formação necessária para o ingresso na profissão*

#### *Informações adicionais — Escolas*

- *Cursos de pós-graduação*
- *Bibliografia consultada*

O dicionário americano traz:

— Em seu 1º volume: *Definição*

*História*

*Natureza do trabalho*

Formação e suas exigências

*Condições morais, intelectuais e econômicas*

Oportunidades de experiência e exploração

Exigências para o exercício da profissão

Aperfeiçoamento

Previsões do mercado de trabalho

Honorários

*Condições de trabalho*

*Fatores sociais e psicológicos*

Fontes adicionais de informação.

— E no 2º volume: *Você e sua profissão*

Onde obter novas informações

Uso de testes no planejamento vocacional

Como encontrar emprego

O futuro mundo do trabalho.

Seguem-se depois capítulos sobre os vários campos profissionais.

Garzoni não poderia, é claro, abordar todos esses itens. É bom lembrar que sua obra precede de quase exatamente quatro séculos ambos os dicionários citados. Mas aborda, embora não com a mesma amplitude e o mesmo método, todos os itens sublinhados nos dois esquemas acima. Seu desenvolvimento é promíscuo, mas causa admiração a amplitude com que trata esses assuntos, sobretudo em um ou outro item. Eis, em resumo, o que ele traz (p. 154-161):

*História* — A princípio atribui a Deus as origens da medicina. A seguir cita Ovídio, Esculápio, Hipócrates, Galeno e muitos outros. Cita ainda uma sentença que diz que Apolo inventou, Esculápio amplificou e Hipócrates aperfeiçoou.

*Definição* — Em períodos seguidos aduz os conceitos de uns e de outros. Diz que a medicina busca as causas das coisas naturais. Heródoto diz que não é ciência, é arte (cita o livro de Heródoto). Hipócrates diz que é arte "prática, descoberta pela razão e pela experiência, que visa tanto preservar a saúde, como combater a doença". Já é, pois, sanitária, profilática e terapêutica. Herófilo diz que é "ciência das coisas salubres, insalubres e neutras".

Aborda depois as *funções* e os *méritos* da medicina. Ela dá esperança, consolação, afasta o tédio, os distúrbios da mente, mitiga as dores,

freia a angústia, tira a desesperação, cerra as portas à morte, induz à alegria de ânimo, pacifica o espírito, reanima os pensamentos, etc. Torna a vida tranqüila até à morte. Falando das funções, envolve as medidas e os meios usados pelos médicos: sua ação persuasiva, as poções, o horário dos remédios, a medida do pulso; tece considerações sobre a lua e os tempos ou momentos bons ou maus para a administração dos remédios. O médico tem que levar em consideração a idade do cliente, sua constituição, o clima ambiente e a causa da doença.

*Métodos* — Em períodos vários aborda as correntes da medicina. Alguns médicos são especulativos, outros práticos e metódicos. Outros unem a experiência à razão, à especulação, e levaram a medicina a alto grau. Hipócrates é o fundador da Medicina Racional e Dogmática. Mais tarde, Galeno retoma a posição de Hipócrates e “revoca toda a arte da medicina ao conhecimento das causas, à observação dos sintomas, à qualidade das coisas, aos diversos hábitos e graus do corpo”. Diz Garzoni que, em seu tempo, todos os médicos agiam de acordo com Galeno e Hipócrates. Aduz outros períodos repisando o que disse acima, de forma algo diversa: Alguns médicos são empíricos — só se fiam das experiências com os remédios; outros são metódicos — só consideram a doença, sem atenção ao tempo, à idade, aos hábitos, às causas, etc.; outros são dogmáticos e racionais — usam a experiência, mas também a razão. Estes elevaram a medicina a grande perfeição.

Apresenta ainda a história de muitos médicos, partidários de umas e outras sentenças.

*As especialidades profissionais* — Ao tratar delas, Garzoni apõe-lhes o título de “divisão da medicina”, dizendo: Esta medicina divide-se em “Naturale, Conservativa, Causale, Giudiciale e Rimediale”, ou segundo os gregos, continua ele, ela é “Fisiológica, Higiénica, Etiológica, Semiótica e Terapêutica”. Descreve a seguir o que cada um faz, os meios que usa, os modos como busca remediar o mal ou preveni-lo.

Os itens sublinhados nos capítulos assinalados nos dois dicionários citados e que não parecem ser considerados por Garzoni no que fica acima, vêm de permeio ao que foi aqui escrito. Deixámo-los de lado por via de brevidade.

Seguem-se períodos em que aborda uma série de doenças e os tipos de remédios para elas usados; é uma citação genérica de remédios e

não específica para cada doença. Termina o capítulo por uma referência aos maus médicos, quer os que fazem experiência "in anima nobili", quer os que fazem render a doença para auferir maiores proventos.

Um dos parágrafos que chama a atenção é o em que ele trata da Musicoterapia, ou Meloterapia usada por Teofrasto (p. 157). Como no índice dos autores citados aparecem dois Teofrastos, fica difícil saber a qual dos dois se refere aqui, pois não especifica se alude ao filósofo grego de Éresos, Lesbos, (372-287 a.C.), ou a Paracelso, Auréolo Teofrasto Paracelso, ou melhor Filipe Auréolo Bombast von Hohenheim (1493-1541). Levantamentos feitos em várias enciclopédias, inclinam-nos fortemente a crer que Garzoni se refere a Teofrasto de Éresos. Aluno e seguidor de Aristóteles, seu sucessor na chefia da escola peripatética, tinha vastos conhecimentos não só sobre filosofia, mas sobre muitos outros assuntos, como aliás seu mestre, p.ex., fisiologia, zoologia e sobretudo botânica. Seu livro "Caracteres", o recomenda como estudioso da psicologia. O "Gross Herder" traduz este título por "Menschentypen". Com relação a Teofrasto de Éresos é interessante ver a Enciclopédia Italiana Treccani e a Alemã Brockhaus; sobre Paracelso, ver sobretudo a Enciclopédia Britânica(8). É admirável que já naquele tempo alguém cogitasse da música como terapia. É verdade que muito antes de Teofrasto, já a Bíblia faz menção disso no episódio Saúl-David.

*Pintor* — Tendo escolhido a esmo falar ainda do pintor, comparando Garzoni com os dois dicionários citados, ficamos surpresos ao ver que o dicionário americano omite a arte do pintor como profissão. O que ele aborda sob este título é apenas o trabalhador manual, i.é, o pintor de paredes. Omite ainda o poeta, o romancista, o escultor e o ator. É curioso observar que não lhe fica muito longe o dicionário do CIE-E, englobando o pintor, o escultor e o gravador num modesto caderno sobre "Artes Plásticas". O que traz especificamente sobre pintura é muito pouco, quer em absoluto, quer comparado com a riqueza com que são contempladas outras profissões, v.g., a Administração. Parece-nos que a razão da omissão naquele dicionário seria o pragmatismo americano, que talvez não veja o artista como um profissional, pois não é exercício que renda tanto como o comércio, a indústria e certas outras profissões liberais. Ter-se-ia o CIE-E deixado influenciar por essas normas, menoscabando o valor de tão nobre arte?

É difícil comparar o trabalho de Garzoni com o do dicionário do CIE-E. Este, confeccionado para uma época muito mais sofisticada e com exigências diferentes das do século XVI, é mais organizado. Traz os diversos instrumentos de pintura — lápis, grafite, carvão, ... pincel, etc. —, as superfícies sobre as quais ela é executada, os tipos de figura representada. Aborda depois as aptidões requeridas de modo promíscuo para todas as artes. Entre elas traz os traços de personalidade requeridos. Vêm depois os campos de atuação, mais ricos hoje do que ao tempo de Garzoni, as perspectivas de desenvolvimento do campo profissional e a formação necessária para o ingresso na profissão. Em nenhum destes itens, porém, aborda especificamente a pintura, mas trata promiscuamente das artes plásticas, que são para ele: a escultura, a gravura e a pintura.

Garzoni é mais informal, por vezes se repete, dando livre curso ao seu entusiasmo pela arte, mas tem também a sua ordem e não deixa de abordar os assuntos exarados pelo CIE-E, exceto no que respeita aos campos de atuação, à formação necessária e às características de personalidade do pintor, que não são abordadas "in recto", mas "in obliquo". Assim mesmo, quanto à formação, alude a Aristóteles, que achava necessária a introdução à arte pictórica a todos os jovens que freqüentavam a escola. Quanto às características do pintor, fala claramente da erudição necessária, das qualidades de "engenho e de juízo que exigem não só a conceber na mente pessoas, animais e objetos, mas ser capaz de exprimi-los com o pincel e as cores, de tal forma que nada lhes pareça faltar senão o espírito" (p. 682). As qualidades exigidas do pintor aparecem, talvez, melhor nos efeitos que ele consegue produzir com sua pintura e no que consegue transmitir por ela. Mas Garzoni traz muito mais do que isto. Damos a seguir alguns dos seus itens:

*História* — Traz opiniões várias sobre as origens da pintura. Aparecem primeiro os delineamentos; vêm depois linhas que circunscvem o corpo humano, seguidas da estrutura da pintura ou descoberta das linhas da pintura.

*Cores* — Segue-se o aparecimento das cores. A princípio uma só, depois quatro, por fim outras mais.

*Luz e sombra* — É a nova descoberta, que ele situa já no século V a.C. Cita aqui pintores célebres que se immortalizaram por suas pinturas: Apeles, Êsquilo, Melânquio e Nicômano. Vem depois:

*Simetria e Proporção* — O pintor “descobre em tudo a simetria, a proporção, a força e o valor” (p. 684).

*A origem das tintas* — Umhas são minerais, outras “meio-minerais” (esmalte), outras vegetais, e cita quais as de cada uma dessas origens.

*O Fogo* — Seu uso modifica as cores.

*Os matizes* — Aborda a seguir a mistura das cores, com a obtenção de matizes. Fala da introdução da laca.

*Tipos de pintura* — Trata da pintura a óleo, da têmpera, das colas, dos mordentes, dos vernizes. Com o tempo “se faz o leite às cores”, dá-se uma mão ou duas; introduz-se, após o óleo o guache, o afresco, o claro-escuro; nomeia as várias ações exigidas pela pintura: dar sombra, lustrear, envernizar, usar mordente, dourar, brunir, tirar ao natural ou fazer cópias, pintar sobre marfim, fazer iluminuras, etc.

*Material que recebe a pintura* — Lã, seda, tela, prata, ouro, outros metais, marfim, pedra, papel.

*Perfeição da arte* — Chega a ser tão grande que o quadro parece criatura viva. Fala da transparência na pintura.

*Aproximação da pintura às outras artes* — Cita sobretudo a escultura, a cerâmica e a arquitetura.

Sobre a poesia, cita Sesto Empírico, que disse:

“Ser a pintura uma poesia muda e  
A poesia uma pintura que fala”.

*Efeitos da pintura sobre a pessoa* — “Ela deleita os olhos pela beleza, aguça o intelecto com a subtileza das coisas pintadas, recreia a memória com a história dos fatos passados, alimenta o espírito com a variedade da arte, acende o desejo da imitação das virtudes alheias, serve para inflamar os jovens a feitos magnânimos e generosos, é agradável aos príncipes e senhores, aprazível aos intelectuais, aceita por toda a sorte de pessoas virtuosas” (p. 683).

*Vantagens sobre a escultura* — A pintura atinge o que a escultura não consegue: pinta o fogo, os raios e os lampejos do sol, o arrebol, i.é, o tramontar do sol, o nascer da aurora

de cor rosa e raios de ouro e púrpura, a noite, a névoa, as paixões do homem, os sentimentos da alma, etc. (p. 684).

*Contribuição dos artistas para a perfeição da arte* — Entende-se pelo que vários artistas trouxeram para o aperfeiçoamento da arte, p.ex., Apolodoro de Atenas, que foi o primeiro que ensinou a exprimir a beleza, Parrásio que descobriu a simetria, a argúcia do olhar, a elegância dos cabelos, a beleza da boca; Aristides de Tebas que, por primeiro, pintou o espírito, representou os sentidos; e outros e outros mais.

Já antes começara e aqui continua a desfiar os nomes de inúmeros artistas, dissertando sobre o modo como pintavam e as características de sua pintura.

Parece-nos que a simples enumeração de alguns dos itens acima, são de per si um programa de ensino que se impõe a um professor desta divina arte: delineamento, cores, luz e sombra, simetria, proporção, perspectiva, etc., etc.

A obra de Garzoni tem seus defeitos como qualquer obra humana; entre outros pode ser acoimada de desalinhada, mas com todas as críticas que se lhe possam fazer, seus méritos sobrelevam de muito seus deméritos e só é de lamentar que seu trabalho tenha caído no olvido. Dentre todas as enciclopédias consultadas, só fazem referência a ela a Enciclopéida Italiana Treccani e a "Enciclopédia Cattolica" (Vaticano).

A "Piazza" teve vinte e quatro edições em italiano e foi vertida para o latim, o espanhol e o alemão. Sua riqueza de pormenores é tal que, só sobre a Iã, traz vinte e seis especialidades de ocupação. Zytowski diz que sua obra era um dos livros importantes das Bibliotecas Inglesas de Pesquisa, embora nunca tenha sido traduzida para o inglês; diz ainda que ela deve ser considerada como um "manual panorâmico de ocupações da Europa seiscentista e setecentista".

Este desprezencioso artigo pretende chamar a atenção para sua obra, que embora não tenha contribuído com dados novos para os elementos que devem constituir a orientação vocacional, traz em seu bojo tal riqueza de pormenores sobre as aptidões, que não deveria ficar esquecida. De resto, não é este o único mérito de seu trabalho. A comparação de seus capítulos sobre a pintura e a medicina com o que trazem modernos dicionários de profissões, permitem ao leitor apreciar-lhe o valor com mais objetividade. Não sem razão Zytowski põe a obra de Garzoni entre as dos precursores da orientação vocacional.

## NOTAS :

- ( 1 ) Ver bibliografia abaixo.
- ( 2 ) Guardou-se aqui a grafia original do livro: "Tomaso" e não "Tommaso".
- ( 3 ) Bias — É um dos sete sábios da Grécia. Seu nome é um dos quatro que nunca faltam na lista dos sete. Os outros três são: Sólon, Tales e Pítaco. A ele se atribuem as palavras "omnia mea mecum porto", mais tarde postas na boca de Diógenes. Cfr. verbete "Biante", de Angelo Taccone na Enciclopédia Italiana Treccani.
- ( 4 ) Guillaume Budé — Paris 1467-1540, helenista. Escreveu "De Asse", (1514), sobre moedas e medidas gregas e romanas; "Annotationes sur les Pandectes" (1508); "Commentaires sur la Langue Grecque" (1529). "Opera Completa", Basileia, 1557. Cfr. verbete "Budé, Guillaume (Budaeus)", na Enciclopédia Italiana Treccani; não tras a firma do autor.
- ( 5 ) Treccani dá a esta obra o título "Il teatro dei vizi e diversi cervelli umani". Paolo Cerchi em seu livro "Tommaso Garzoni — Opere", Napoli, Casa Editrice Fulvio Rossi, 1972, e Enzo Navarra na "Enciclopedia Cattolica", dão-lhe o nome que figura à página um deste artigo. Como estas duas obras são mais recentes que a Treccani, parece-nos mais seguro manter o título aqui adotado como o original.
- ( 6 ) Dídimo — Famoso gramático alexandrino, que viveu no século I a.C. — Arnaldo Momigliano que escreveu para a Enciclopédia Treccani o verbete "Dídimo", reduz para 3.550 os 6.000 volumes que lhe atribui Garzoni. É crítico de valor para o grego, sobretudo por seus estudos sobre Demóstenes, descobertos em 1904. Cfr. Treccani.
- ( 7 ) Juan Huarte de San Juan — Examen de Ingenios para las Ciencias, Baeza, Juan Bautista de Montoya, 1575.
- ( 8 ) Teofrasto — Sobre ambos os Teofrastos, cfr. todas as enciclopédias assinaladas na bibliografia que se segue, sobretudo a Alemã Brockhaus, a Britânica e a Italiana Treccani.

## BIBLIOGRAFIA

- ( 1 ) Brockhaus Enzyklopädie — Wiesbaden, F. A. Brockhaus, 17ª edição, 20 vols. + 4 de complementação, 1966-1976.
- ( 2 ) Der Grosse Herder — Nachschlagewerk für Wissen und Leben — Freiburg im Breisgau, Verlag Herder Freiburg, 5ª edição, 10 vols., 1952-1956.

- ( 3 ) Enciclopédia Barsa — Rio de Janeiro, Enciclopédia Britânica Editores, Ltda., 16 vols., 1964.
- ( 4 ) Encyclopaedia Britannica — Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc., William Benton, Publisher, 24 vols., 1970. .
- ( 5 ) Enciclopedia Cattolica — Città del Vaticano, Ente per L'Enciclopedia Cattolica e per il Libro Cattolico, 12 vols., 1948-1954, verbete "GARZONI, Tommaso", escreve Enzo Navarra, vol. V, col. 1950.
- ( 6 ) Enciclopedia Italiana di Scienze Lettere ed Arti — Istituto della Enciclopedia Italiana, fondata da Giovanni Treccani, 39 vols., 1938-1948, verbete "GARZONI, Tommaso", escreve Antonio Belloni, vol. XVI, pg. 407.
- ( 7 ) Enciclopédia Mirador Internacional — São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 20 vols. 1976.
- ( 8 ) Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira — Lisboa — Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, 40 vols., s.d.
- ( 9 ) Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana — Madrid, Espasa-Calpe, 70 vols., 1908-1948.
- (10) Kirchenlexikon oder Enzyklopädie der katholischen Theologie und ihrer Hilfswissenschaften — Freiburg im Breisgau, Herder'sche Verlangshandlung, 2ª edição, 12 vols. + 1 de índices, 1882-1901.
- (11) Zytowski, Donald G. — Four Hudred Years Before Parsons — in "The Personnel and Guidance Journal", 50, 6, 443-450, 1972.